



Saber operário

construção de conhecimento

e a luta dos trabalhadores

pela saúde

Organizadores

José Augusto Pina

José Marçal Jackson Filho

Katia Reis de Souza

Mara Alice Batista Conti Takahashi

Lucas Bronzatto Silveira

HUCITEC EDITORA

Esta obra tem como fio condutor as experiências e os saberes conjugados entre trabalhadores e pesquisadores, na investigação de problemas de saúde relacionados ao trabalho. O compartilhamento de saberes esteve presente em todo o processo de sua feitura. A procura de uma multivocalidade dialógica buscou romper com as hierarquias tradicionais de pesquisa e autoria, sob predomínio do saber científico oficial. Poemas e canções sobre trabalho e luta de classes encontram-se entrelaçados e articulados aos capítulos do livro, buscando unicidade e tessitura à proposta central desta coletânea — ser uma forma singular de produção de conhecimento e intervenção, resultante do encontro de trabalhadores, profissionais e pesquisadores, na análise do caráter histórico da determinação do processo saúde-doença daqueles que trabalham e suas resistências e lutas sociais.

A obra mostra como as experiências desenvolvidas, em diversos lugares do mundo, que se referem ao Modelo Operário Italiano (MOI) podem ser atualizadas e transformadas sob novas condições. O encontro entre a expressão artística, sob a forma de poesia e contos, e os trabalhos originados das experiências adquiridas não é uma mera justaposição casual. Refere-se a momentos excepcionais quando a divisão social do trabalho se rompe, onde os papéis tradicionais são subvertidos, no qual o corpo humano reencontra sua unidade em uma criação múltipla: artística, produtiva, política e científica. Tal metamorfose só é possível como resultado de uma dinâmica coletiva que os autores deste livro conseguem nos fazer compreender.

— *do Prefácio*, de Laurent Vogel
(Universidade Livre de Bruxelas,
Universidade de Paris XIII)



Imagem de capa: *Never Ending Horizons*.
Marta Dischinger, 12 de abril de 2020.

Saúde em Debate 331

direção de

Gastão Wagner de Sousa Campos

José Ruben de Alcântara Bonfim

Maria Cecília de Souza Minayo

Marco Akerman

Yara Maria de Carvalho

ex-diretores

David Capistrano Filho

Emerson Elias Merhy

Marcos Drummond Júnior

É por certo a saúde coisa mui preciosa, a única merecedora de todas as nossas atenções e cuidados e de que a ela se sacrifiquem não somente todos os bens mas a própria vida, porquanto na sua ausência a existência se nos torna pesada e porque sem ela o prazer, a sabedoria, a ciência, e até a virtude se turvam e se esvaem.

— Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592).

Ensaios. “Da semelhança dos pais com os filhos”.

Trad. Sérgio Milliet

- A Ampliação do processo de privatização da saúde pública no Brasil*, Jília Amorim Santos
- Escola para todos e as pessoas com deficiência: contribuições da terapia ocupacional*, Eucenir Fredini Rocha, Maria Inês Brito Brunello, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza
- Bases teóricas dos processos de medicalização: um olhar sobre as forças motrizes*, Paulo Frazão e Marcia Michie Minakawa
- Corpo com deficiência em busca de reabilitação? A ótica das pessoas com deficiência física*, Eucenir Fredini Rocha
- Crianças e adolescentes com doenças raras: narrativas e trajetórias de cuidado*, Marthá Cristina Nunes Moreira, Marcos Antonio Ferreira do Nascimento, Daniel de Souza Campos & Lidiane Vianna Albernaz (orgs.)
- Bases da toxicologia ambiental e clínica para atenção à saúde: exposição e intoxicação por agrotóxicos*, Herling Gregorio Aguiar Alonzo & Aline de Oliveira Costa
- Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde*, Rosilda Mendes, Adriana Barin de Azevedo & Maria Fernanda Petrolí Frutuoso (orgs.)
- Percepções amorosas sobre o cuidado em saúde: histórias da rua Balsa das 10*, Julio Alberto Wong Un, Maria Amélia Medeiros Mano, Eymard Mourão Vasconcelos, Ernande Valentin do Prado & Mayara Floss
- Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*, Carla Regina Silva (org.)
- A experiência do PET-UFF: composições de formação na cidade*, Ana Lúcia Abrahão & Ândrea Cardoso Souza (orgs.)
- Olhares para a saúde de mulheres e crianças: reflexões na perspectiva das boas práticas de cuidado e de gestão*, Maria Auxiliadora Mendes Gomes, Cynthia Magluta & Andreza Rodrigues Nakano (orgs.)
- Técnicas que fazem olhar e da empatia pesquisa qualitativa em ação*, Maria Cecília de Souza Minayo & Antônio Pedro Costa
- Tempos cruzados: a saúde coletiva no estado de São Paulo 1920-1980*, André Mota
- Unidade Básica: a saúde pública brasileira na TV*, Helena Lemos Petta
- Decisões políticas e mudanças limitadas na saúde*, Carmem E. Leitão Araújo
- Ambulatório de especialidades: subsídios conceituais e organização de serviços a partir das experiências da enfermagem*, Carla Aparecida Spagnol & Isabela Silva Cândia Velloso (orgs.)
- Clínica comum: fragmentos de formação e cuidado*, Angela Aparecida Capozzolo, Sidnei José Casetto, Viviane Maximino & Virgínia Junqueira (orgs.)
- Contribuições do Mestrado Profissional para o ensino da enfermagem: experiências inovadoras no âmbito do SUS*, Cláudia Mara de Melo Tavares, Lucia Cardoso Mourão, Ana Clementina Vieira de Almeida & Elaine Antunes Cortez (orgs.)
- O método apoio como ferramenta de prevenção e enfrentamento da judicialização da saúde no SUS*, Tarsila Costa do Amaral
- Violências e suas configurações. Vulnerabilidades, injustiças e desigualdades sociais*, Lina Faria (org.)
- Quando a história encontra a saúde*, Ricardo dos Santos Batista, Christiane Maria Cruz de Souza & Maria Elisa Lemos Nunes da Silva (orgs.)
- Atenção Básica é o caminho! Desmontes, resistências e compromissos: contribuições das universidades brasileiras para avaliação e pesquisa na APS. A resposta do Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) para a avaliação da Atenção Primária à Saúde*, Marco Akerman, Patricia Rodrigues Sanine, Maria do Carmo Guimarães Caccia-Bava, Felipe Alvarenga Marim, Marília Louvison, Lucila Brandão Hirooka, Cecília Kayano Moraes & Maria Cristina da Costa Marques (orgs.)
- Atenção Básica é o caminho! Desmontes, resistências e compromissos: contribuições das universidades brasileiras para avaliação e pesquisa na APS. Perspectivas: Avaliação, Pesquisa e Cuidado em Atenção Primária à Saúde*, Marco Akerman, Patricia Rodrigues Sanine, Maria do Carmo Guimarães Caccia-Bava, Felipe Alvarenga Marim, Marília Louvison, Lucila Brandão Hirooka, Cecília Kayano Moraes & Maria Cristina da Costa Marques (orgs.)
- Entre o Público e o Privado: Hospital São Paulo e Escola Paulista de Medicina (1933 a 1988)*, Ana Nemi
- Sobre a pandemia: experiências, tempos e reflexões*, André Mota (org.)
- Formação e Educação Permanente em Saúde: Processos e Produtos no Âmbito do Mestrado Profissional, volume 3*, Benedito Carlos Cordeiro, Helen Campos Ferreira & Miriam Marinho Chrizoztimo (orgs.)
- Atenção primária e atenção especializada no SUS: análise das redes de cuidado em grandes cidades brasileiras*, Cristiane Pereira de Castro, Gastão Wagner de Sousa Campos & Juliana Azevedo Fernandes (orgs.)
- Itinerários de Asclépios: para a compreensão da gestão da clínica*, Giovanni Gurgel Aciole
- Medicalização do parto: saberes e práticas*, Luiz Antonio Teixeira, Andreza Pereira Rodrigues, Marina Fisher Nucci & Fernanda Loureiro Silva
- Nas Entradas da Atenção Primária à Saúde: o cotidiano entre a formação e a prática*, Felipe Guedes, Gastão Wagner de Sousa Campos, Lillian Soares Vidal Terra & Mônica Martins de Oliveira Viana
- Ensaio fora do tubo: a saúde e seus paradoxos*, Luiz David Castiel
- Educação permanente em saúde no Brasil: contribuição para a compreensão e crítica*, Cristiane Lopes Simão Lemos
- Saber operário, construção de conhecimento e a luta dos trabalhadores pela saúde*, José Augusto Pina, José Marçal Jackson Filho, Katia Reis de Souza, Mara Alice Batista Conti Takahashi, Lucas Bronzatto Silveira (orgs.)

Saber operário,
construção de conhecimento
e a luta dos trabalhadores
pela saúde

Saber operário, construção de conhecimento e a luta dos trabalhadores pela saúde

José Augusto Pina

José Marçal Jackson Filho

Katia Reis de Souza

Mara Alice Batista Conti Takahashi

Lucas Bronzatto Silveira

Organizadores

HUCITEC EDITORA

São Paulo, 2021

© Direitos autorais, 2021, da organização de,
José Augusto Pina, José Marçal Jackson Filho, Katia Reis de Souza,
Mara Alice Batista Conti Takahashi & Lucas Bronzatto Silveira.
Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Tel.: (55 11) 3892-7772 3892-7776
www.huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
MARIANA NADA
Produção editorial
KÁTIA REIS
Assistência editorial
MARIANA BIZZARRO TERRA

Circulação
ELVIO TEZZA

IMAGEM DE CAPA:

Never Ending Horizons. Marta Dischinger, 12 de abril de 2020.

Marta Dischinger é arquiteta (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mestre em Design (HDK - Göteborg University, Suécia), e PhD em Arquitetura (Architecture School - Chalmers University of Technology, Suécia). Professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina de 1985 a 2015. Desenvolve atividades de ensino, projeto, pesquisa e consultoria na área do Desenho Universal com foco na acessibilidade de espaços públicos urbanos e edificados, e no desenho de produtos, equipamentos e brinquedos para inclusão de pessoas com deficiência. O brinquedo de soprar "Blowing Toys" recebeu 2 prêmios na Suécia (1993). Como artista plástica, além de desenhar e pintar desde criança, a partir de 1980 faz aquarelas, pinturas em tinta acrílica, gravuras (xilogravura e serigrafia), escreve e ilustra histórias para crianças. Mais recentemente desenha e faz joias em acrílico, e design de brinquedos.

POEMA NA CONTRACAPA:

"A poesia insiste". Golondrina Ferreira.

Golondrina Ferreira. *Poemas para não perder*. São Paulo: Edições Trunca, 2019, pp. 26-8.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S119

Saber operário, construção de conhecimento e a luta dos trabalhadores pela saúde / organizadores José Augusto Pina ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Hucitec, 2021.
455 p. ; 23 cm. (Saúde em debate ; 331)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-240-1

1. Saúde coletiva - Brasil. 2. Segurança do trabalho. 3. Pessoal da área de saúde pública - Saúde e higiene - Brasil. 4. Pessoal da área de saúde pública - Política governamental - Brasil. I. Pina, José Augusto. II. Série.

21-74498

CDD: 363.110981
CDU: 614.2(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Sumário

Nota dos organizadores	11
<i>Aos que desanimam</i> , Golondrina Ferreira	13
Prefácio, <i>Laurent Vogel</i>	15
PRIMEIRA PARTE	
<i>A peça</i> , Daniel Lage	26
CAPÍTULO 1	27
Trabalhadores na construção do conhecimento e na luta pela saúde: uma introdução <i>José Augusto Pina, José Marçal Jackson Filho, Katia Reis de Souza, Mara Alice Batista Conti Takahashi, Lucas Bronzatto Silveira</i>	
CAPÍTULO 2	39
O protagonismo operário na construção de conhecimentos e luta pela saúde <i>Leonardo Dresch Eberhardt</i>	
CAPÍTULO 3	62
A construção compartilhada do conhecimento com trabalhadores na luta pela saúde: experiências para o debate <i>Bruno Souza Bechara Maxta, Leonardo Dresch Eberhardt</i>	

Fabricando a manhã, Jeff Vasques 87

CAPÍTULO 4 89

Abordagens participativas em Saúde do trabalhador: oficinas, cadernetas e comunidade ampliada de pesquisa com docentes de universidade pública

Katia Reis de Souza, Andrea Maria dos Santos Rodrigues, Maria Blandina Marques dos Santos, Regina Helena Simões-Barbosa, Eliana Guimarães Felix, Luciana Gomes, Manuel Gustavo Leitão Ribeiro, André Luis de Oliveira Mendonça

Entrando na linha, Golondrina Ferreira 115

CAPÍTULO 5 117

Crônicas da vida e luta operárias: produção de conhecimento, arte e saúde

Lucas Bronzatto Silveira

SEGUNDA PARTE

Segunda, Golondrina Ferreira 140

CAPÍTULO 6 141

Câncer relacionado ao trabalho dos petroleiros e o desenvolvimento compartilhado do processo de enfrentamento

Angela Paula Simonelli, Daniela Sanches Tavares, Hugo Pinto de Almeida, Mara Alice Batista Conti Takahashi, Marcelo Juvenal Vasco, Pamela Passos dos Santos, Tarsila Baptista Ponce

CAPÍTULO 7 164

Adoecimento e mortes de Agentes de Combate às Endemias no Estado do Rio de Janeiro expostos a agrotóxicos: crítica ao processo de trabalho e construção coletiva de estratégias de enfrentamento

Ariane Leites Larentis, Leandro Vargas Barreto de Carvalho, Eline Simões Gonçalves, Victor Oliva Figueiredo, Marcus Vinícius Corrêa dos Santos, Priscila Jeronimo da Silva Rodrigues Vidal, Gabriel

Rodrigues da Silveira, Ana Paula das Neves Silva, Luiza de Fátima Dantas, Ébio Willis Moreira, Edson Lima, Francisco José de Araújo Filho, Marcos Rogério da Silva, Maria do Perpétuo Socorro Setubal Ferreira, Nelma Barbosa Carius, Roberto Paulo Bento Nunes, Romilda Lacerda de Castro da Silveira, Ana Manuella Taveira Soares, Tatiana Mota Xavier de Meneses, Isabele Campos Costa-Amaral, Antônio Carlos dos Santos Cardoso, Monica Regina Martins, Gideon Borges dos Santos, Maria de Fátima Ramos Moreira, Ana Cristina Simões Rosa, Luciana Gomes, Maria Blandina Marques dos Santos, Liliane Reis Teixeira, Luiz Cláudio Meirelles

O Drama da Humana Manada, El Efecto 202

CAPÍTULO 8 205

Experiência do Departamento de Saúde do Sindicato dos(as)
Trabalhadores(as) Metalúrgicos(as) de Campinas e Região
na busca pelo reconhecimento do adoecimento
do trabalho e da organização coletiva
William Ceschi Filho, Ecléa Spiridião Bravo

CAPÍTULO 9 239

Resistência e reorganização operária: um relato da luta unificada
do setor petrolífero na Baixada Santista
*Hugo Pinto de Almeida, Thais Vieira Esteves, Marcelo Juvenal Vasco,
Eduardo Navarro Stotz, Júlio César Lopardo Alves,
Renato José Bonfatti, José Augusto Pina, Adaedson Bezerra da Costa,
Fábio José Rodrigues de Mello*

A vida pede passagem, Edi Almeida 273

CAPÍTULO 10 275

Sindicatos diante das políticas de gestão de segurança
do trabalho no setor petrolífero
*Sandra Lorena Beltran, Hugo Pinto de Almeida, Wesley Aparecido
Ferreira Bastos, Marcelo Juvenal Vasco, Cidiana Masini Bernardo*

CAPÍTULO 11 298

O enfrentamento do assédio sexual no trabalho:
da demanda individual à ação coletiva
Juliana Andrade Oliveira

TERCEIRA PARTE

<i>Panfletagem I</i> , Golondrina Ferreira	322
CAPÍTULO 12	323
Pandemia do novo coronavírus: os trabalhadores sob o tacão de ferro e a necessidade da resistência ao capital	
<i>Leonardo Dresch Eberhardt, Eduardo Navarro Stotz, José Augusto Pina, Elaine Cristina Vieira de Magalhães, Hilka Flavia Saldanha Guida, Hugo Pinto de Almeida, Jussara Rafael Ângelo, Katia Reis de Souza, Lucas Bronzatto Silveira, Bruno Souza Bechara Maxta</i>	
CAPÍTULO 13	335
Capitalismo e pandemia de Covid-19: desafios para o conhecimento científico e a luta dos trabalhadores	
Eduardo Navarro Stotz, José Augusto Pina	
<i>Para Onde Vai</i> , Lucas Bronzatto	377
CAPÍTULO 14	379
O velho e novo: pandemia de Covid-19 e a saúde dos trabalhadores da indústria de petróleo e gás brasileira	
<i>Carlos André Sardenberg Teixeira, Hilka Flavia Saldanha Guida, Marcio Gabriel Vieira, Valéria Salek Ruiz</i>	
CAPÍTULO 15	399
Trabalho remoto bancário na pandemia da Covid-19	
<i>Maria Maeno, Carlos Damarindo</i>	
CAPÍTULO 16	429
Vigilância ativa sobre a população exposta ao amianto na pandemia Covid-19 no Estado do Rio de Janeiro – Cooperação entre serviço público e a Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (ABREA)	
<i>Hermano Albuquerque de Castro, Patrícia Canto Ribeiro, Maria Lucia do Carmo Nascimento, Luana de Oliveira Rodrigues da Silva</i>	
<i>Seculares</i> , Thiago Cervan	443
Sobre os autores e as autoras	445

Nota dos organizadores

Os capítulos reunidos neste livro têm como fio condutor as experiências e os saberes conjugados entre trabalhadores e pesquisadores, na investigação de problemas de saúde.

O compartilhamento esteve presente em todo o processo de sua feitura: os primeiros diálogos que germinaram em acolhimentos das demandas dos trabalhadores, originadas da complexa relação entre saúde e trabalho, a constituição espontânea dos grupos de autores e a elaboração dos textos por múltiplas mãos, que, por sua multivocalidade dialógica, desenha rupturas com as hierarquias tradicionais de pesquisa e autoria, sob predomínio do saber científico oficial.

O processo inicial de revisão foi realizado por meio da circulação dos textos entre os autores desta coletânea, o que contemplou o propósito de produzir conhecimento a uma comunidade ampliada de pesquisa, estimulando a troca de reflexões, debates, comentários e sugestões que aperfeiçoaram os conteúdos e a escrita desta obra coletiva.

Entrelaçados aos capítulos estão poemas e canções sobre trabalho e luta de classes,¹ que articulados aos conteúdos textuais, conferem unicidade e tessitura à proposta central desta coletânea — ser uma forma singular de produção de conhecimento e intervenção, resultante do encontro de

¹ Os poemas apresentados neste livro são criações autorais de participantes do coletivo Trunca (<<https://www.trunca.org/>>) e de poetas publicados pela Trunca, um coletivo dedicado a pesquisar, traduzir e divulgar literatura e poesia de luta latinoamericana.

trabalhadores, profissionais e pesquisadores, na análise do caráter histórico da determinação do processo saúde-doença daqueles que trabalham e suas resistências e lutas sociais.

Se ao final da leitura desta nota os leitores foram despertados pelo desejo de ir prontamente aos textos e poemas deste livro, o nosso intento foi alcançado e quiçá a comunidade dos implicados com a luta dos trabalhadores pela saúde terá sido ainda mais ampliada.

AOS QUE DESANIMAM

Gostaria de te acordar com beijos
e boas notícias
— o sol saiu,
os pássaros comemoram,
as crianças brincam no pátio,
vem visita de longe,
ninguém mais vende seu trabalho,
ninguém manda sem trabalhar.

Mas o inimigo ainda é soberano,
está por todos os lados
e dentro de nós.
Nos submete
e inverte todas as coisas:

nosso suor vira o seu produto,
uma pequena parte vira o nosso preço
e não conseguir ficar rico
vira um fracasso individual.

Cultura vira ideologia,
cooperação vira concorrência,
nosso amor vira controle,
sexo vira violência.

O que era tempo vira trabalho,
o que era nosso vira alheio,
o que era história vira esquecimento.

Gostaria de te acordar com carícias
e boas notícias,
mas ainda há muito pra ser feito.

Estamos cansados, você diz,
foram tantas derrotas...
somos poucos e estamos
pior do que antes,
o inimigo matou
os que não pôde cooptar.

Gostaria de te consolar com um abraço
e boas notícias,
mas você tem razão
— somos poucos e estamos cansados,
no entanto ninguém,
senão nós,
poderá fazê-lo.

Nós, com todos os nossos defeitos,
com nosso cansaço,
com as marcas da derrota,
com nossos mortos por vingar.

Com toda a escuridão
por cima dos ombros
nos curvando,
com a potência de derrubar toda ela
ao levantar.

(Golondrina Ferreira)



Uma versão em áudio deste poema, produzida pelo grupo de teatro Gertrudes Está Louca, pode ser acessada pelo QR Code lateral ou digitando no seu navegador o endereço:

bit.ly/desanimam

Prefácio¹

LAURENT VOGEL²

Universidade Livre de Bruxelas
Universidade de Paris XIII

Os coordenadores deste livro me honraram ao terem me solicitado a redação deste prefácio. À medida que fazia a leitura das diversas contribuições dos vários autores, fiquei entusiasmado com o que é revelado no livro sobre a vitalidade das lutas pela saúde do trabalhador no Brasil. O livro ilustra, à sua maneira, o enorme potencial que as condições de trabalho representam para qualquer pessoa ou organização que lute pela emancipação social.

Originário de um dos países mais atingidos pela crise pandêmica, governado por um presidente nostálgico pela ditadura militar, o livro vem, também, de um país no qual o recuo do movimento sindical foi muito forte nos últimos vinte anos. No entanto, ele está presente como mostram a riqueza do trabalho conjunto entre pesquisadores e sindicalistas, a diversidade das experiências apresentadas, e a associação indispensável entre as questões gerais de saúde do trabalhador e a luta contra a pandemia. Trata-se de um novo e

1 Traduzido com a versão gratuita do tradutor <www.DeepL.com/Translator>, revisado por José Marçal Jackson Filho, Mara Alice Batista Conti Takahashi e José Augusto Pina.

2 Laurent Vogel é formado em Direito pela Université Libre de Bruxelles. Obteve o doutorado pela Universidade de Nantes com uma tese sobre o papel do direito comunitário na harmonização da legislação de saúde no trabalho na Europa. Depois de trabalhar durante onze anos na América Latina e na Itália, ingressou no Instituto Sindical Europeu (ETUI) em 1990. Foi Diretor do Departamento de Condições de Trabalho, Saúde e Segurança da ETUI de 2008 a 2013. É docente da Universidade Livre de Bruxelas e da Universidade de Paris XIII e autor de numerosos livros e artigos sobre temas de saúde no trabalho.

surpreendente exemplo da força das correntes profundas que ressurgem na história das classes subalternas e tornam possível escapar da resignação.

A obra mostra como as experiências desenvolvidas, em diversos lugares do mundo, que se referem ao Modelo Operário Italiano (MOI) podem ser atualizadas e transformadas sob novas condições. O encontro entre a expressão artística, sob a forma de poesia e contos, e os trabalhos originados das experiências adquiridas não é uma mera justaposição casual. Refere-se a momentos excepcionais quando a divisão social do trabalho se rompe, onde os papéis tradicionais são subvertidos, no qual o corpo humano reencontra sua unidade em uma criação múltipla: artística, produtiva, política e científica. Tal metamorfose só é possível como resultado de uma dinâmica coletiva que os autores deste livro conseguem nos fazer compreender.

(1)

Começamos com evento recente. Em 30 de outubro de 2021, dados estatísticos da Universidade Johns Hopkins mostravam que no Brasil houve mais de 20 milhões de casos de Covid-19 e mais de 600 mil mortes desde o início da pandemia.

O excesso de mortalidade em decorrência das causas naturais é de cerca de 740 mil mortes durante o mesmo período.³ Esse indicador permite considerar que muitos casos de Covid-19 não são registrados, bem como que a mortalidade por outras doenças que podem estar associadas à crise provocada pela pandemia (notadamente atrasos no diagnóstico ou baixa resolutividade no tratamento de outras doenças devido ao enfraquecimento do sistema de saúde pública).

A mortalidade por Covid-19 no mundo foi, em grande parte, influenciada pelas políticas adotadas nos diversos países. Em todo o mundo, as autoridades políticas reagiram tarde à Covid-19, cometeram muitos erros e impuseram, sem participação democrática, medidas sanitárias de eficácia variável.⁴

Observou-se um tipo de darwinismo social que agrava o risco de morbidade e mortalidade das pessoas consideradas “menos aptas”. Isso foi expresso na busca da “imunidade do rebanho”, conceito oriundo da medicina veterinária. Nos países, onde foi aplicada, ignoraram-se as evidências cien-

³ Dados provenientes do Painel de Análise de Análise do Excesso de Mortalidade por CAUSAS Naturais no Brasil criado pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS). <<https://www.conass.org.br/indicadores-de-obitos-por-causas-naturais/>>. Acessado em 29 de outubro de 2021.

⁴ Na Europa, essa abordagem caracteriza as políticas adotadas no início da crise pelo governo conservador no Reino Unido e pelo governo social-democrata na Suécia.

tíficas acumuladas que indicavam que haveria consequências desastrosas; que a imunidade de rebanho seria ineficaz no caso do Covid-19 por conta das rápidas mutações do vírus e ao fato de que, quanto mais pessoas fossem infectadas, novas mutações surgiriam.

No caso brasileiro, pode-se questionar se o passado escravo não desempenhou um papel nessa forma de tratar a população, como gado a ser selecionado, especialmente, porque a mortalidade da Covid-19 afetou sobretudo as classes populares.

O relatório publicado em 26 de outubro de 2021 pela Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado brasileiro⁵ faz uma crítica exaustiva das políticas seguidas e analisa as responsabilidades dos principais protagonistas. Em um aspecto, porém, apresenta o mesmo ponto cego da maioria das políticas seguidas pelos governos de outros países do mundo: as condições de trabalho não foram praticamente consideradas como um vetor essencial da epidemia.⁶ Essa constatação leva a várias questões para as quais a leitura deste livro fornecerá algumas respostas.

(2)

Entre doentes e mortos pela Covid-19, a esmagadora maioria é proveniente dos estratos sociais menos favorecidos. Em todo o mundo, as desigualdades sociais na saúde aumentaram consideravelmente, as quais se situam em alguns níveis sinérgicos: em relação à própria Covid-19 (morbidade, formas graves, mortalidade); em relação à crise sanitária (detecção e tratamento de outras doenças); e em relação aos impactos socioeconômicos, e sanitários da crise pandêmica. No momento atual, temos apenas indicações quantitativas, relativamente sistemáticas, para o primeiro nível.

As desigualdades estão associadas às exposições: muitos trabalhadores tiveram de continuar seu trabalho fora da modalidade de teletrabalho, estando fortemente expostos no local de trabalho e, também, no transporte público ou nos locais de alojamento (caso dos trabalhadores agrícolas sazonais na Europa). Por outro lado, a proporção de formas graves que requerem hospitalização está ligada a fatores de comorbidade. As doenças crônicas do trato respiratório estão frequentemente ligadas à classe social, sobretudo, por

5 Senado Federal, Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia, Relatório Final, 2021. Acesso em 30 de outubro; disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1wyq0Lwe0a6mLRz1a4xKqdp-jarIWTDXPj/view>>.

6 Essa questão foi tratada apenas, indiretamente, em desenvolvimentos recentes no que tange às mulheres e à população negra.

causa da exposição ocupacional. Mesmo entre os aposentados, as doenças crônicas causadas pelas condições de trabalho acumuladas ao longo da vida desempenham um papel importante. As desigualdades na cobertura da previdência social forçaram os trabalhadores a continuar em atividade apesar de terem tido contato com pessoas com Covid-19 ou possuírem os primeiros sintomas da doença.

Uma vez ultrapassada a fronteira humana, o vírus parece ter encontrado um terreno onde as desigualdades sociais indicavam quem seriam suas vítimas prioritárias, cujo impacto, por sua vez, ampliou as desigualdades. Essa crise nos diz que a ameaça não é externa, não se trata de uma guerra contra um vírus que escapou do mundo animal. O inimigo está entre nós, nas sociedades cujos recursos materiais e científicos nunca foram tão abundantes e que, no entanto, demonstraram sua imensa vulnerabilidade.

As condições de trabalho e emprego desempenharam papel crucial na contaminação (Purkayastha, 2020). A concepção dominante de saúde pública tende a excluir o trabalho como um campo específico de intervenção, sobretudo quando se trata de uma questão de prevenção primária. As regras de saúde no trabalho são geralmente construídas como medidas de exceção, com níveis de risco mais elevados do que para o resto da população, de modo a perturbar o mínimo possível o poder do empregador sobre a organização do trabalho, sobre a escolha dos processos de produção e sobre o que se produz.

Na maioria dos países, os setores considerados essenciais continuaram a operar durante os períodos de quarentena. Alguns foram de fato essenciais porque permitiram às pessoas sobreviver (serviços de saúde, água potável, energia, alimentação etc.). Outros foram considerados essenciais pelos interesses patronais. Podem ser observadas duas tendências. Por um lado, grande parte das mulheres estava envolvida em atividades de fato essenciais, em decorrência de uma representação comum sobre o trabalho das mulheres como sendo de baixa qualificação, baixo valor e de baixo risco, o que foi desconstruída pela pandemia. Em vários países isso levou às mobilizações de mulheres trabalhadoras, o que recoloca, potencialmente, em questão a desvalorização sistemática do trabalho de cuidado (*care*), o qual é, na realidade, essencial ao capitalismo. Por outro lado, mesmo nos trabalhos masculinos essenciais, a maior parte dos trabalhadores é mal remunerada e exerce trabalhos precários. O caso extremo é o trabalho agrícola na Europa, que depende muito dos migrantes. Os mais explorados são aqueles que estão em situação ilegal (sem visto de permanência e/ou permissão de trabalho), o que os torna, permanentemente, à mercê de chantagens.

Quando o trabalho foi continuado ou retomado, as regras de prevenção foram geralmente limitadas às regras básicas relativas às barreiras higiênicas (uso de álcool gel, distância segura, máscaras). Essas regras, raramente adaptadas à realidade da atividade concreta, tornam-se injunções contraditórias. Nos abatedouros, as máscaras devem ser usadas, mas diante do alto nível de ruído, qualquer comunicação exige a retirada da máscara para que seja entendível.

O que a Covid-19 tornou evidente foi um duplo fracasso: o da separação estanque entre saúde pública e saúde no trabalho e o da concepção de prevenção construída de cima, sem a participação dos coletivos de trabalho. No caso da Covid-19, foi um imperialismo sanitário que dominou, muitas vezes justificado pela urgência da situação, que, no entanto, por sua baixa eficácia, resultante, em parte, à falta de adesão, só fez prolongar essa urgência.

(3)

A crise pandêmica agiu como reveladora de imensas desigualdades sociais, o que nos permite colocar a questão da democracia no trabalho em termos claros. Em todos os estágios da crise, as decisões foram tomadas a partir do topo, na maioria das vezes pelo poder executivo, e no campo particular do trabalho, o patronato frequentemente desempenhou papel determinante na prevenção ou nos simulacros da prevenção.

Embora os conflitos trabalhistas não tenham sido massivos, eles tiveram caráter radical, voltando-se mais contra o monopólio dos empregadores nas tomadas de decisões, do que em direção às questões salariais.

Quem pode definir como essencial determinada atividade econômica? Na Itália, as greves forçaram o governo a impor o fechamento de muitas fábricas em março de 2020. Nos centros de logística da Amazon, conflitos sobre o mesmo tema eclodiram em vários países.

Como é organizada a prevenção? Conflitos abertos surgiram em vários países, às vezes invocando o direito de recusa (cujo equivalente seria a greve ambiental no Brasil), mas, acima de tudo, desenvolveu-se uma resistência, localizada, muito mais importante, massiva e variada. Em um local, são os enfermeiros que exigem mudanças na organização do trabalho. Em outra, é o pessoal de limpeza que reivindica meios de proteção de melhor qualidade. Em algumas empresas, os coletivos de trabalho exigem que a avaliação de risco seja refeita a fim de adaptá-la às novas condições impostas pela crise pandêmica. Atrasam a retomada das atividades até que ela seja realizada. Entretanto, uma avaliação de risco efetuada sob a perspectiva sindical facilita certo controle sobre a organização do trabalho pelos trabalhadores. Essas formas de resistência

não são contabilizadas nas estatísticas de greves e manifestações. No entanto, manifestam um potencial de contestação profunda e, quem sabe, duradoura.

Trata-se de conjuntura que favorece o renascimento das centelhas do passado. Este livro testemunha uma apropriação das experiências passadas pelo movimento sindical e setores progressistas do mundo da pesquisa. Estou convencido de que esta apropriação não ocorre apenas no Brasil, mas se manifesta de formas variadas em muitos países. Ela responde a uma enorme necessidade de legibilidade de certa organização de trabalho que é particularmente difícil de decifrar em decorrência de novos métodos de gestão, múltiplas formas de subcontratação e a desmaterialização de certos segmentos da atividade. A forma extrema dessa opacidade pode ser encontrada em empresas de plataforma digital onde a autoridade do empregador toma a forma externa de um algoritmo.

O que geralmente é chamado de Modelo Operário Italiano (MOI) é constituído de uma experiência nascida quase simultaneamente em vários países e que se espalhou internacionalmente durante uns dez anos (Vogel, 2016). Embora tenha sido mais intensamente expressa e mais bem documentada na Itália, também foi integrada na renovação das lutas dos trabalhadores na América Latina. Alguns fatores específicos desempenharam um papel importante. Em países governados por ditadura militar, a saúde e a segurança no trabalho poderiam ser algumas das poucas áreas onde a atividade aberta e legal dos ativistas sindicais era possível. Parte da metodologia do MOI foi baseada em experiências provenientes da América Latina. Assim, os escritos de Paulo Freire tiveram uma difusão fecunda na Europa, por volta de 1968, tendo contribuído fortemente para práticas de formação sindical muito mais dinâmicas, que questionaram a divisão social do trabalho.⁷ Não houve, portanto, exportação de um modelo italiano para outras partes do mundo, mas sim uma convergência de experiências e ideias que ignoraram fronteiras e renovaram as práticas sindicais na luta pela saúde no trabalho.

(4)

A leitura deste livro fornece uma dose razoável de otimismo em relação às mobilizações sociais que serão determinantes para nossas sociedades após o fim da pandemia. Setores significativos do movimento sindical brasileiro conseguiram manter uma estratégia autônoma, independente do Estado e

⁷ No livro organizado por Teiger & Lacomblez, em 2013, a questão da educação sindical, por meio da construção de uma análise crítica do trabalho, é amplamente considerada. Nele, encontram-se várias contribuições brasileiras. Documentos dessas experiências estão incluídos no CD-ROM que acompanha o livro.

dos patrões, durante todo o período dos mandatos do Partido dos Trabalhadores na Presidência da República. Isso permite atualmente uma resistência nos locais de trabalho que não confina os trabalhadores ao papel de massa eleitoral passiva. Ainda que sejam setores minoritários do movimento sindical, sua atividade confirma como o próprio processo de trabalho, em si, gera constantemente elementos que o questionam.

Na maioria dos países, três tendências políticas fundamentais surgiram na crise pandêmica (Vogel, 2020).

As respostas dos Estados começaram com uma negação. Em geral, eles promoveram uma virada brusca em uma situação que foi descrita como “pânico das elites” (Bergeron et al., 2020). As respostas têm alguns elementos fundamentais em comum. Por um lado, a recusa pela democracia sanitária, que resulta em decisões cujos fundamentos não são debatidos politicamente. Essa forma de administrar a crise geralmente instrumentaliza a *expertise* científica. Na Europa, assistiu-se a governos afirmarem que o uso de máscara era inútil, até mesmo prejudicial ou absurdo, dependendo das tradições culturais, e então, algumas semanas depois, impor o uso de máscara.

A oposição inicial foi baseada em uma situação objetiva que os próprios governantes haviam criado. Os estoques estratégicos de máscaras construídos após o alerta da gripe H1N1 não tinham sido renovados e a produção de máscaras, que se baseia, todavia, em tecnologias muito simples, foi assegurada apenas muito lentamente. Por outro lado, as desigualdades sociais na saúde não foram consideradas. As políticas foram lançadas uniformemente sem levar em conta as enormes diferenças que elas implicavam em função da classe social, ou gênero. O isolamento não tem o mesmo significado, nem as mesmas consequências dependendo do tamanho e do conforto do lar, da composição do núcleo familiar, da divisão desigual das tarefas domésticas entre homens e mulheres. Uma parte importante das lições da crise da AIDS foi “esquecida” na implementação de estratégias contra a Covid-19, o que prejudicou bastante as políticas de prevenção, mesmo em seus aspectos legítimos e racionais.

Um segmento relativamente grande da população juntou-se a um grupo heterogêneo de céticos em relação à Covid-19⁸ (os negacionistas, no Brasil).

⁸ *Covido-scéptiques*, esse termo usado na Europa não é talvez o mais apropriado. Refere-se aqui a um conjunto de mobilizações que contestam a imposição de medidas de saúde pública por vários motivos. À medida que a pandemia evoluiu, os objetivos das mobilizações mudaram: de contestar a gravidade da situação (como, em particular, a acusação de que as estatísticas superestimaram a mortalidade) para contestar a necessidade de vacinação e recusar-se a aceitar restrições coletivas, como o uso de máscaras ou medidas de contenção.

Em muitos países, houve manifestações contra o isolamento social, contra medidas descritas como sendo contrárias às liberdades individuais por seus adversários, contra a vacinação e contra a introdução do passaporte sanitário que atesta que uma pessoa foi vacinada, fez testes negativos muito recentemente, ou teve Covid-19 e foi curada há pelo menos seis meses.

O núcleo racional dessas mobilizações é uma crítica ao autoritarismo das políticas públicas, mas seu referencial ideológico é, em si mesmo, marcado por outra forma de autoritarismo. Essas mobilizações estão em busca de homens providenciais tanto no campo da ciência quanto no da política. Não é por acaso que durante os protestos contra o passaporte sanitário na Itália pôde ser visualizada faixa indicando político de outro país para o cargo de presidente. O componente autoritário não impede um tipo de adesão chamado, nos Estados Unidos, de posições libertárias. A liberdade individual é considerada um valor absoluto que suprime qualquer obrigação de solidariedade. Ela autoriza a incoerência e as mentiras dentro de uma visão de mundo reduzida a uma competição sem árbitro de narrativas individuais. Existe uma relação dialética entre a extrema atomização de indivíduos que vivem como monarcas absolutos em seu próprio território e a formação de multidões em busca de um homem providencial.

Houve grande semelhança na atitude dos negacionistas em relação à Covid-19 e em relação às questões climáticas, mesmo considerando que os dois campos se sobrepõem apenas parcialmente. Por um lado, observa-se a recusa dos métodos relativamente democráticos de validação no campo científico. O que conta é a palavra de mandarins que recusam qualquer intervenção de seus pares. Foi assim que foi construído o mito da hidroxicloroquina e outros tratamentos ineficazes ou até prejudiciais à saúde dos pacientes. Por outro lado, há enorme capacidade de difusão de informações, das mais absurdas, projetadas para criar um clima de pânico. O terreno dos céticos à pandemia é profundamente reacionário na medida em que somente aspira a um retorno ilusório à normalidade pré-Covid-19, pretendendo ignorar quão inaceitável era essa normalidade e como ela desempenhou um papel determinante nas trágicas consequências desta crise.

No caso particular do Brasil (e em grande parte nos EUA com Trump), o campo negacionista e a política estatal se fundiram. Em outros lugares, o apoio político ao campo cético em relação à Covid-19 repousa principalmente nos partidos de extrema-direita como o Vox na Espanha, o AFD na Alemanha ou Les Patriotes na França, vários grupos neofascistas na Itália, enquanto o Lega (o principal partido de extrema-direita) é ambíguo entre a

sua participação governamental e o apoio de parte de seus membros às mobilizações negacionistas.

Do outro lado do espectro, há mobilizações feministas, sindicais e ecológicas: uma reativação dos debates políticos nos quais a questão da democracia no trabalho é tratada por meio de diferentes abordagens (Coutrot, 2018; Ferreras et al. 2021).

É muito cedo para saber se esses elementos de contestação desempenharão um papel importante nos próximos anos. Estou convencido de que o campo da saúde no trabalho continua sendo dos mais férteis. Ele coloca de forma imediata e direta a questão do corpo, da vida e da saúde na produção capitalista. Ele permite construir o que se denominou de «ativismo do conhecimento» (Hall et al., 2006) onde as lutas e os conhecimentos se reforçam mutuamente.

Lutar pela saúde no trabalho significa articular uma abordagem imediata de fenômenos muito concretos como as patologias musculoesqueléticas ou o câncer, com o questionamento sobre os determinantes políticos e sociais em um processo no qual a própria divisão tradicional do trabalho é subvertida porque tem de reconhecer o conhecimento dos trabalhadores como uma das bases de ação.

A publicação deste livro é, portanto, oportuna. Ela trará para os debates de hoje uma luz indispensável, pois é parte da construção paciente e cotidiana de uma contra-hegemonia baseada na mobilização dos conhecimentos a partir da base.

REFERÊNCIAS

- BERGERON, H.; BORRAZ, O.; CASTEL, P. & DEDIEU, F. *Covid-19 : une crise organisationnelle*. Paris: Sciences PO-Les presses, 2020.
- BOIX, P.; GARCÍA A.; LLORENS C. & TORADA, R. *Percepciones y Experiencia. La prevención de los riesgos laborales desde el punto de vista de los trabajadores*. Valencia, 2001. Disponível em: <<http://listas.net/descargas/percepciones.pdf>>.
- BRUNO, A. S.; GEERKENS, E.; HATZFELD, N. & OMNÈS, C. *La santé au travail entre savoirs et pouvoirs (19e – 20e siècles)*. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2011.
- COUTROT, T. *Libérer le travail. Pourquoi la gauche s'en moque et pourquoi cela doit changer*. Paris : Éditions du Seuil, 2018.
- FERRERAS, I.; BATTILANA J.; MÉDA D.; MÁXIMO F.; MOREIRA GOMES A. V. & ROCHA DIA, E. *O manifesto do trabalho: democratizar, desmercantilizar, remediar*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.

- GOUSSART L. & TIFFON G. *Syndicalisme et santé au travail. Quel renouvellement de la conflictualité au travail?* Broissieux: Editions du Croquant, 2018.
- HALL, A.; FORREST, A.; SEARS, A. & CARLAN, N. Making a difference: knowledge activism and worker representation in joint OHS Committees. *Relations Industrielles/Industrial Relations*, 61(3)-2006, pp. 408-436.
- LAMBERT, A. & CAYOUILLE-REMBLIÈRE J.(dir.). *L'explosion des inégalités. Classes, genre et générations face à la crise sanitaire*. La Tour d'Aigues : Editions de l'Aube, 2021.
- MARRI, G. L'ambiente di lavoro in Italia: l'organizzazione della ricerca "non disciplinare" (1961-1980). *Sociologia del Lavoro*, n.° 10-11/1980, pp. 71-99.
- ODDONE, I. *L'ambiente di lavoro. La fabbrica nel territorio*. Roma: Ed. EDIESSE, 1977.
- PURKAYASTHA, D.; VANROELEN, C.; BIRCAN, T.; VANTYGHM, M. A. & GANTELET ADSERA, C. *Work, health, and Covid-19. A literature review*. Bruxelles: ETUI, 2020.
- TEIGER, C. & LACOMBLEZ, M. (ed.) *(Se) former pour transformer le travail. Dynamiques de construction d'une analyse critique du travail*. Québec-Bruxelles : Presse de l'Université Laval-ETUI, 2015.
- THEBAUD, A.; DAVEZIES, P; VOLKOFF, S. & VOGEL, L. (coord.). *Les risques du travail. Pour ne pas perdre sa vie à la gagner*. Paris: La Découverte, 2015.
- VOGEL, L. La actualidad del modelo obrero italiano para la lucha a favor de la salud en el trabajo. *Laboreal*, vol. XII, 2-2016, pp. 10-17. Disponível em : <http://laboreal.up.pt/files/articles/10_17_1.pdf>.
- VOGEL, L. Le travail, angle aveugle dans la crise du Covid-19. *Hesamag*, 2020, pp. 4-9.

BREVE LANÇAMENTO!

SAIBA MAIS EM:

huciteceditora.com.br

A poesia insiste

Eu vou escrever
com marretas
no teto,
com graxa
nas paredes,
com a trincha
no chão.

Profbam e eu escreverei
com as unhas
na lataria das máquinas,
com chaves
riscando os robôs.

Impeçam e será com pincel
nos muros,
com facas nos troncos,
com ar comprimido
na noite.

Demitam-me
e escreverei
com um arado na terra,
com a foice
nas plantações.

[...]

Cortem meus dedos
e eu escreverei
com os olhos
no horizonte...
com a língua
em alguma boca...
com os pés na areia...
escreverei
com o nariz no céu.

(Golondrina Ferreira)

HUCITEC EDITORA
PARA VOCÊ LER E RELER



ISBN: 978-85-8404-240-1

